



Evento: XXVI Jornada de Pesquisa

CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOS SABERES ESPECÍFICOS E DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA O EXERCÍCIO DE SUA PROFISSÃO ¹

CONSTITUTION OF THE IDENTITY OF SPECIFIC KNOWLEDGE AND TEACHER TRAINING FOR THE EXERCISE OF THEIR PROFESSION

Julia Stiebbe Callai², Diessica Michelson Martins³ e Cátia Maria Nehring⁴

¹ Escrita desenvolvida a partir de estudos realizados na disciplina “Processo educativo escolar: saber-professor-aluno” do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação nas Ciências, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí).

² Mestranda em Educação nas Ciências pela (Unijuí). Bolsista Prosuc/Capes. Licenciada em Pedagogia pela Unijuí. diessicammichelson@gmail.com.

³ Mestranda em Educação nas Ciências pela Unijuí. Bolsista Prosuc/Capes. Licenciada em Educação Física pela Unijuí. juliecallai@hotmail.com.

⁴ Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Adjunto 3 da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Departamento de Ciências Exatas e Engenharias (DCEEng) e Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - Mestrado e Doutorado. Reitora da UNIJUI - Gestão 2020/2023.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal refletir acerca da constituição da identidade dos saberes específicos e da formação do professor para o exercício de sua profissão. Deste modo, o estudo enfatiza sobre os saberes docentes e a transposição didática que precisa ser considerada pelo docente para oferecer aos estudantes o conhecimento poderoso, o qual é promovido pela escola. Nesse sentido, uma aprendizagem significativa depende de um ensino organizado de modo que contemple os saberes anteriores e o contexto dos estudantes. Diante dessa perspectiva, Conne (1996), Gauthier e Martineau (2001), Guillot (2008), Leite (2007), Marques (1995), Savater (2000), Tardif (2013), Tardif e Lessard (2005) e Young (2007) são os autores que propiciaram a discussão dos seguintes questionamentos que embasam a presente escrita: afinal, quais são os saberes que o professor precisa dominar e como eles são desencadeados? Qual a importância dos saberes docentes e de suas competências no ensino e na aprendizagem própria e de seus alunos? Os resultados e as discussões abordados nessa escrita demonstram a necessidade do professor refletir acerca das suas práticas para melhorar suas ações em busca de qualificar o conhecimento dos alunos.

Palavras-chave: Saberes docentes. Conhecimento poderoso. Transposição didática.

ABSTRACT

This article has as its main objective to reflect on the constitution of the identity of specific knowledge and teacher training for the exercise of their profession. Thus, the study emphasizes on the teaching knowledge and the didactic transposition that needs to be considered by the teacher to offer students powerful knowledge, which is promoted by the school. In this sense, meaningful learning depends on teaching organized in a way that contemplates the students' previous knowledge and context. Given this perspective, Conne



(1996), Gauthier and Martineau (2001), Guillot (2008), Leite (2007), Marques (1995), Savater (2000), Tardif (2013), Tardif and Lessard (2005) and Young (2007) are the authors who facilitated the discussion of the following questions that underlie this writing: after all, what are the knowledges that the teacher needs to master and how are they triggered? What is the importance of teaching knowledge and their skills in teaching and learning themselves and their students? The results and discussions covered in this writing demonstrate the need for teachers to reflect on their practices to improve their actions in search of qualifying students' knowledge.

Keywords: Teaching knowledge. Powerful knowledge. Didactic transposition.

INTRODUÇÃO

O conhecimento ocorre em diferentes contextos, tanto na família, quanto na convivência em sociedade e entre os que se identificam pelas suas peculiaridades. Entretanto, o lugar autorizado pelo Estado para o ensino e a aprendizagem formal é a escola, uma vez que, de acordo com Marques (1995), possui lugar, tempo e recursos necessários ao processo de aprendizagem através da interação em forma de diálogo com o sujeito considerado socialmente qualificado - professor - “para compartilharem do entendimento, da organização e da condução dos processos formais do aprender mediado pelo ensinar” (ibidem, p. 87).

As aprendizagens oferecidas na escola são, antes de constituírem o Projeto Político Pedagógico, construídas no imaginário social, ou seja, o que a sociedade espera que se aprenda na escola. Assim, o que se ensina na escola é decidido de forma externa à ela, pelos grupos mantenedores.

O conhecimento promovido na escola tem papel fundamental na formação dos sujeitos, tanto enquanto cidadãos, quanto como profissionais, uma vez que é na possibilidade de aprender com o passado, sem necessariamente ter passado por ele, que reside a importância da escola. Todo o conhecimento produzido pela humanidade, o que Marques (1995) chama de “aprendido”, é considerado para compor o currículo escolar, mesmo assim, precisa ser selecionado pelo professor, que utiliza-se de ferramentas e saberes próprios da sua profissão para que os alunos consigam se apropriar do que lhes é ensinado. Neste contexto, é pertinente discutir acerca dos conhecimentos necessários à profissão docente, bem como sobre a formação destes.

Refletindo sobre essas temáticas, o desenvolver desta discussão partirá de questões centrais: Quais são os saberes que o professor precisa dominar e como eles são



desencadeados? Qual a importância dos saberes docentes e de suas competências no ensino e na aprendizagem própria e de seus alunos? Assim, a presente escrita tem como objetivo principal refletir acerca da constituição da identidade dos saberes específicos e da formação do professor para o exercício de sua profissão.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A presente produção foi desenvolvida a partir de estudos realizados na disciplina “Processo educativo escolar: saber-professor-aluno” do Mestrado em Educação nas Ciências, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). As reflexões desta defendem a importância da relação entre formação de professores, os saberes profissionais do mesmo e a da transposição didática.

A disciplina foi organizada considerando quatro temáticas de estudo: 1. A instituição escolar no contexto do ensino e da aprendizagem - Instituição, instituinte e instituído; 2. A relação pedagógica e didática - Saber e conhecimento e o processo de transposição do saber a ensinar; 3. O trabalho do professor - profissionalização e; 4. Os saberes da docência - entendendo saberes do professor. A organização da disciplina permitiu a reflexão acerca dos dois tópicos presentes nessa escrita : 1. A formação dos conhecimentos necessários à docência e; 2. A transposição didática como mediadora nas relações entre o saber, o professor e o aluno.

Diante destes tópicos, trazemos como objetivo desta escrita refletir acerca dos saberes específicos dos docentes em vista da constituição de sua identidade para o exercício da profissão. Para tanto, ressalta-se o cotidiano escolar e os sujeitos desse ambiente para a apropriação dos saberes e conhecimentos. Destarte a discussão fundamenta-se nos referenciais teóricos dos seguintes autores: Conne (1996), Gauthier e Martineau (2001), Guillot (2008), Leite (2007), Marques (1995), Savater (2000), Tardif (2013), Tardif e Lessard (2005) e Young (2007).

A FORMAÇÃO DOS CONHECIMENTOS NECESSÁRIOS À DOCÊNCIA

A formação de professores é ampla, ela não acontece apenas nas instituições de ensino superior, pois esse é somente o início de sua constituição. Considerar que se é formado para ser professor no momento de conclusão do ensino superior é incabível, pois a formação é



complexa e se desenvolve considerando os diversos saberes necessários para seu processo de atuação no ensino e na aprendizagem próprio e de seus alunos.

O professor possui conhecimentos particulares, assim como outras profissões, os quais precisam ser mobilizados para a concretização do seu papel nas escolas e a significação das práticas de aprendizagem com seus objetos de trabalho, o aluno. No entanto, o trabalho docente se diferencia das outras profissões, uma vez que “ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos” (TARDIF; LESSARD, 2005, p. 31). Isto demanda do professor um investimento não só cognitivo, como emocional e afetivo visto que o professor precisa convencer ao aluno a colaborar com o andamento da aula e que as aprendizagens desenvolvidas na escola serão úteis e necessárias para a sua vida em sociedade e para o futuro no mercado de trabalho.

A função da escola não se limita ao instruir - num sentido de conhecimentos técnicos que serão utilizados posteriormente para o trabalho -, mas também educa, transmite valores, moral, e ensina habilidades mentais, a partir das quais se pode produzir novas ideias. Inclui, portanto, a formação social e da personalidade do sujeito, que servirão para a vida política, cultural e atividades em geral na coletividade (SAVATER, 2000).

De acordo com Marques (1995), os alunos e os professores são portadores da cultura do meio onde vivem. No entanto, os professores assumem o compromisso de saber sobre a cultura dos seus objetos de trabalho, sendo seu compromisso profissional para que então seja possível relacionar o ambiente escolar com o ambiente que o aluno está inserido na sociedade.

Para caracterizar a sala de aula, Doyle (1986 *apud* TARDIF; LESSARD, 2005) traz conceitos referentes às ações realizadas pelos sujeitos que vão ter sentido coletivamente e referentes aos objetivos, o espaço e o tempo em que ocorre o ensino. Assim, afirma que a sala de aula é marcada pelos aspectos de multiplicidade, imediatez, rapidez, imprevisibilidade, visibilidade e historicidade. Estes aspectos esclarecem o modo como as ações ocorrem na sala de aula, sendo estas de diferentes objetivos por parte do professor - instruir, disciplinar, avaliar, motivar, impor um ritmo - e que requerem dele interpretar os alunos e as situações e orientá-los. Portanto, o trabalho do professor é um trabalho de interações entre sujeitos, impregnadas de significados (TARDIF; LESSARD, 2005).

Partindo dessas ideias, podemos dizer que o trabalho docente requer certos saberes específicos. Os saberes disciplinares, curriculares, profissionais e experienciais são



considerados, por Tardif (2013), como o repertório de saberes docentes. Sendo assim, mencionaremos a ideia central de cada saber para que posteriormente entendamos como os mesmos são desenvolvidos na profissão.

Os saberes transmitidos pelos cursos de formação e que emergem de uma tradição cultural e de grupos de produtores de saberes são definidos como *disciplinares*; A relação entre discursos, conteúdos, objetivos e métodos caracterizados e apresentados pela instituição escolar, são conhecidos como saberes *curriculares*, sendo imprescindível que os professores aprendam e aplique-os no decorrer da aprendizagem do aluno; O conjunto de saberes que são transmitidos pelas escolas normais ou faculdades de educação, são chamados de saberes *profissionais*; Os professores, com suas práticas e funções no decorrer de sua profissão, vão desenvolvendo saberes baseados no seu cotidiano, que podem ser chamados de saberes *experenciais*.

Para Guillot (2008, p. 123) “uma profissão não é uma projeção. Ela se aprende”. Cada saber não se encontra em uma fase do desenvolvimento profissional docente, eles se relacionam para formar o conjunto de saberes que devem ser dominados e aprendidos. Dessa maneira, podemos afirmar que os saberes dos professores são heterogêneos, pois não formam um repertório de conhecimentos unificado, e são atingidos com a união da teoria e prática, a própria práxis.

A partir das experiências que o docente amplia seu repertório de saber e conhecimento e, por isso, defende-se que tais saberes são plurais, uma vez que possuem diversas fontes de formação, e temporais. O sentido temporal revela que quanto mais forem as práticas e vivências, melhores serão os resultados obtidos para a constituição da identidade do professor. Nesse sentido, a questão dos saberes está intimamente ligada aos condicionantes objetivos e subjetivos com os quais os professores têm que lidar, e as condições sociais e históricas nas quais ele exerce seu ofício. Acrescenta-se ainda que tais experiências necessitam da reflexão, não valendo nada a prática se não for pensada sobre ela.

A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA COMO MEDIADORA NAS RELAÇÕES ENTRE O SABER, O PROFESSOR E O ALUNO

Gauthier e Martineau (2001) enfatizam sobre a prática do professor, considerando que a pedagogia é o que compreende o contexto escolar, com relações entre o professor e o seu



saber. Partindo disso, o docente compreenderá alunos como grupo e com o auxílio da didática ele será capaz de pensar sobre as condições em que os alunos vão se apropriar do saber, caracterizando, assim, os alunos como indivíduo e conexão que os mesmos possuem com o saber.

Savater (2000) também relaciona o tempo e a formação humana, pois, para ele a aprendizagem vai acontecer na sociedade, aliás, não aprendemos sozinhos, necessitamos de um sujeito que já viveu tal experiência e deteve o saber sobre ela para que possa socializar. Por isso, o professor precisa ter essas experiências e saberes, sendo que sem eles, não será possível transmiti-los e socializa-los com outros sujeitos

Diantes destes aspectos, Tardif comenta que:

Em seu trabalho, um professor se serve de sua cultura pessoal, que provém de sua história de vida anterior e de sua cultura escolar anterior, ele também se apoia em certos conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade, assim como em certos conhecimentos didáticos e pedagógicos oriundos de sua formação profissional; ele se apoia também naquilo que podemos chamar de conhecimentos curriculares veiculados pelos programas, guias e manuais escolares; ele se baseia também em seu próprio saber ligado à experiência de trabalho, na experiência de certos professores e em tradições peculiares ao ofício de professor (2013, p. 262-263).

Refletindo sobre a ideia anterior, a interação entre objeto de trabalho-professor determina conexões para articular o conhecimento com o foco na competência que tem de ser estabelecida para o processo de competências desses indivíduos. Visto que as salas de aulas possuem uma heterogeneidade, o professor não deve somente saber ensinar, mas reconhecer que cada relação que constitui neste ambiente é única antes de ser plural.

O ensino é um trabalho composto, e os professores precisam estar cientes de seus planejamentos, de suas crenças e de valores. Este pensamento condiz com o que defendem Tardif e Lessard (2005, p. 49):

A docência, como qualquer trabalho humano, pode ser analisada inicialmente como uma atividade. Trabalhar é agir num determinado contexto em função de um objetivo, atuando sobre um material qualquer para transformá-lo através do uso de utensílios e de técnicas. No mesmo sentido, ensinar é agir na classe e na escola em função da aprendizagem e da socialização dos alunos, atuando sobre sua capacidade de aprender para educá-los e instruí-los [...].



Os professores desenvolvem os seus saberes, a fim de conquistar significações imprescindíveis no ensino escolar para o sucesso da aprendizagem e, ao mesmo tempo, satisfação profissional. Isso implicará em um novo conceito que também é essencial para a concretização desses objetivos, que é denominado transposição didática.

Para analisar e refletir acerca da transposição didática, os professores precisam considerar os saberes científicos e os saberes a serem ensinados, afinal, são conceitos que estão articulados e recontextualizados no campo pedagógico, bem como presentes na nooesfera - ou seja, na esfera do pensamento humano. Nesse viés, o saber científico está comprometido com o que é criado nas universidades, esse saber possui similaridades com o que Tardif (2013) chama de saber profissional e o saber a ser ensinado é aquele que está presente, por exemplo, nos livros didáticos da Educação Básica.

A transposição didática e o saber estão interligados. Para Conne (1996), há diferença entre conhecimento e saber, por isso, é necessário conceituar cada um para compreender o verdadeiro sentido do saber do professor.

Quando o sujeito reconhece o papel activo de um conhecimento sobre a situação, para ele, o laço indutor da situação sobre esse conhecimento torna-se invertível, ele sabe. Um conhecimento assim identificado é um saber, é um conhecimento útil, utilizável, porque permite ao sujeito agir sobre a representação (CONNE, 1996, p. 231).

O professor precisa compreender e se formar cotidianamente para desenvolver esses saberes, pois, somente professores que possuem tais características serão capazes de oportunizar aos seus alunos a aquisição do conhecimento poderoso. Young (2007), aborda sobre o significado de conhecimento poderoso, como aquele que não está disponível no cotidiano, ou seja, um conhecimento especializado que é função da escola transmitir. Este é o conhecimento proveniente da ciência, portanto fornece explicações e fundamentos que permitem ao aluno tomar decisões de forma consciente, ou seja, conhecimento no qual se firma a construção da autonomia do sujeito.

Guillot (2008) coloca o professor como a figura que tem a responsabilidade de educar (valores e cidadania), instruir (os saberes) e formar (sócio profissionalmente) os alunos. Para o autor, ensinar não se reduz a saber fazer, mas a saber fazer com que os alunos façam, por isso é preciso criar situações de trabalho e aprendizado. Isso implica ver a escola



como um lugar de relações entre professor e aluno, na qual o professor possui o papel de mediador, articulando as exigências didáticas e pedagógicas.

Considerar uma dinâmica de educação compartilhada entre os diferentes atores - o saber a ser transmitido pelo professor, os alunos e suas famílias, a administração da escola, os funcionários e o poder público - é uma das formas mais eficientes de buscar a autoridade do professor e oportunidades de realizar um trabalho reflexivo sobre seu ensino. Com base nisso, Gaunthier e Martineau (2001) propõem para o processo de ensino e de aprendizagem a ideia de um triângulo no qual se relacionam o professor, o aluno e o saber. Tal triângulo estabelece que o ensino e a aprendizagem não acontecem de maneira singular, tão pouco através de uma perspectiva tradicional, mas na relação entre professor e saberes.

O triângulo didático-pedagógico de Gaunthier e Martineau (2001) pode ser abordado pelo ponto de vista tanto da pedagogia como da didática. Respectivamente, compreende-se a relação do professor com o saber, considerando que este precisa ser socializado a um grupo de alunos e assim surgem aspectos de organização do espaço, tempo e trabalho na sala de aula voltados às finalidades de instruir e educar. O outro viés, refere-se a relação do aluno com o saber, como o professor socializa os conteúdos disciplinares considerando o aluno enquanto sujeito da aprendizagem.

Para falarmos da relação do aluno com o saber é necessário fazer uma distinção entre o conhecimento e o saber. Para Conne (1996), o que separa o saber do conhecimento é o critério de utilidade: o conhecimento se refere a um leque de situações e de finalidades para suas transformações, enquanto o saber se refere à transformação das situações, portanto, pode-se dizer que saber é a capacidade de mobilizar conhecimentos em uma determinada situação. De acordo com este autor, a aprendizagem só é concreta quando o aluno consegue mobilizar o conhecimento adquirido na sala de aula em um outro contexto.

É através das ações do aluno acerca de sua realidade que é possível afirmar que ele de fato sabe algo e, sendo assim, o professor precisa saber o que o aluno conhece para estabelecer relações com seu ensino. A implicação prática desta ideia é a necessidade de o professor criar uma situação que seja indutora de conhecimento.

A complexidade do trabalho docente, do seu papel e sua função como articulador do conhecimento poderoso, nos dá suporte para voltar a refletir sobre a transposição didática. O conhecimento poderoso, apesar de não presente em nosso cotidiano, precisa do que



aprendemos neste para que então ganhe significado, pois “o ensino não é um *one man show*, é uma criação de situações de trabalho e de aprendizagem” (GUILLOT, 2008, p. 125).

Chevallard (1991) afirma que o saber que é ensinado na escola não chega na sala de aula tal qual ele foi produzido na ciência, pois o saber precisa estar acessível ao conhecimento do aluno. Assim, denomina a transposição didática como a transformação que o saber passa: de um saber a ensinar em um saber ensinado, adequado à necessidade do aluno, o que será útil para ele. Leite (2007) aborda a ideia de Chevallard, de forma a trazer importantes reflexões sobre a transposição didática:

Um conteúdo do conhecimento, tendo sido designado como saber a ensinar, sofre um conjunto de transformações adaptativas que vão torná-lo apto a tomar lugar entre os objetos de ensino. O trabalho que, de um objeto de saber a ensinar faz um objeto de ensino, é chamado de transposição didática. (CHEVALLARD *apud* LEITE, 2007, p. 43)

Nesse sentido, a transposição didática, os saberes profissionais docentes, a função da escola e os sujeitos (professores e alunos) são ideias de conceitos e ações que estão relacionados na teoria e na prática. A interlocução destes oferece subsídios para analisarmos todo o âmbito escolar, respondendo às questões trazidas na presente escrita. Percebe-se a importância do contexto e do tempo para o desenvolvimento da aprendizagem e do ensino, bem como oferece significado aos conhecimentos e gera saberes para serem articulados nas situações de nossas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta produção foi discutir acerca da constituição da identidade dos saberes específicos e da formação do professor para o exercício de sua profissão. Assim, os resultados e discussões abordadas demonstram o quanto é sustentada a ideia do professor se constituir a partir das reflexões que faz das suas experiências. Estas reflexões demandam tempo e saberes para que o professor seja capaz de distinguir a melhor forma de mediar cada ação que propõem em aula visando oferecer aos alunos o conhecimento poderoso. Por isso, podemos afirmar que o professor cria e caracteriza sua identidade profissional em contato com os seus objetos de trabalho.



Apesar do conhecimento poderoso não estar nas nossas casas e ser função da escola transmiti-lo, não podemos abandonar uma formação humana, e nem negligenciar os conhecimentos que os alunos trazem para o ambiente escolar. Os conhecimentos e saberes adquiridos de forma anterior à escola servirão de suporte para o professor pensar na transposição didática do ensino e de seus conteúdos.

A transposição didática vai além de uma recontextualização dos saberes curriculares, a transposição é a própria contextualização. Diante desse entendimento, o professor deve considerar e saber realizá-la procurando metodologias para que o ensino e a aprendizagem ganhem sentido e não seja simplesmente uma teoria inexecutável no cotidiano dos sujeitos. Nesse sentido, os professores, além de qualificarem a educação, estarão aprimorando a própria identidade profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEVALLARD, Yves. **La tranposición didáctica: Del saber sabio al saber enseñado.** Traduzida por Claudia Gilman. Editora Aique: Buenos Aires. 1991.

CONNÉ, François. Saber e Conhecimento na Perspectiva da Transposição Didática. In: BRUN, Jean (Org). **Didáctica das Matemáticas.** Lisboa: Instituto Piaget, p. 219-267, 1996.

GAUTHIER, Clermont e MARTINEAU. Triângulo Didático-Pedagógico: o triângulo que pode ser visto como um quadrado. IN: Revista Educação nas Ciências. Ijuí: UNIJUÍ, v.01, p. 45-77, Jan/Jun, 2001.

GUILLOT, Gérard. **O resgate da autoridade em educação.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

LEITE, Miriam Soares. **Recontextualização e transposição didática: introdução à leitura de Basil Bernstein e Yves Chevallard.** Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

MARQUES, Mario Osorio. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência.** Ijuí: Editora UNIJUÍ., 1995.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar.** Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas?** Campinas, Educação & Sociedade, vol 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007.